



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 42 — PREÇO: 1 ESCUDO — LISBOA, 5 DE MARÇO DE 1942

OS GRANDES VALORES NACIONAIS — DR. JULIO DANTAS (Foto feita especialmente para «Vida Mundial Ilustrada» na Academia das Ciências de Lisboa)



DAMOS NESTA PÁGINA, em fotos da agência «Citra», de Madrid, especialmente feitas para «Vida Mundial Ilustrada», alguns aspectos da visita a Sevilha do sr. dr. Oliveira Salazar, quando das entrevistas que o sr. Presidente do Conselho ali foi ter com o generalíssimo Franco e com Severino Suñer. Nestas fotos, que documentam a visita do Chefe do Governo português ao Alcaçar e a outros monumentos, vêem-se também, entre outras individualidades espanholas, os srs. Nicolas Franco e Pedro Teófilo Pereira, respectivamente embaixadores de Espanha em Portugal e de Portugal em Espanha.

O encontro de **SEVILHA**

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

panorama internacional

Sob o Gabinete de Churchill

por Francisco Veloso



mobilização geral do Reich vai de foz em fôra. Hitler chama a Alemanha ao maior e talvez mais decisivo esforço de guerra. A 2 de Fevereiro, O. T. M. Best escrevia no *Deutsch Allgemeine Zeitung*:

«Nada nos fômos repouso algum, mas, ao contrário, impôs o dobro e o triplo dos esforços em todas as frentes.»

Diante desta Alemanha em febre de arranco que se reputa muito próximo, guardando a iniciativa do desencadear dos sucessos da terceira fase da guerra, os factos políticos e militares parecem depender desse gesto do *Führer*, no seu quartel-general oculto numa aldeia incerta da Rússia.

NA CRISTA DA ONDA

A crise ministerial inglesa foi indiscutivelmente o acontecimento central da última oitava. Após o período de alterosa desorientação que a opinião pública britânica atravessou após a capitulação de

Singapura e da passagem das unidades navais alemãs na Manchã — e desorientação tão grave que em certo momento nem reparava nas oscilações a que sujeitava o próprio prestigio do Primeiro Ministro — eis que este, dando por não dita a sua declaração aos Comuns de que não se achava disposto a mudar de tripulação ministerial, reforma o gabinete por uma forma surpreendente.

À toda a largura das primeiras páginas dos jornais ingleses aparece no dia 20 a notícia sensacional: «Churchill chamou Cripps! Beaverbrook parte para os Estados Unidos! Eram estes, segundo pode inferir-se, os factos dominantes da crise que uma vaga de fundo súbitamente fêz rebouçar e tornou hora trágica de enervamentos quando a guerra se aproxima de uma encruzilhada talvez decisiva. As críticas acumuladas como cargas, traduziram-se em produção de uma acção muito mais vigorosa. Das fileiras socialistas não se pouparam certos ministros. Os conservadores chegaram loucamente a prever a substituição de Winston Churchill! Altes apareceu vice-presidente do Conselho e secretário dos Dominios. O gabinete de guerra ficou reduzido a sete membros. O filho de Lord Parmoor que há pouco voltara de Moscovo, tornava-se leader nos Comuns.»

Dois dias depois, o Primeiro Ministro fazia, em nova formulação, o resto da cozedura, entregando a Cripps a pasta da guerra, ao coronel Nevellin a produção aérea, a lord Portal as obras públicas, a Cranborne as colónias e o cargo de porta-voz na Câmara dos Lordes.

A remodelação atingiu praticamente a Alta Igreja anglicana, com a demissão apresentada pelo arcebispo de Canterbury, dr. Lang, famoso no episódio da abdição de Eduardo VIII, que arcebispo de York de Temple, a quem se atribuem simpatias do operariado e menos intransigências canónicas, veio substituir no mais alto pósto da igreja oficial britânica.

«A UNIDADE ANGSTIOSA»



No dia 24, Churchill apareceu ao Parlamento e um largo discurso traçou o plano da remodelação do gabinete. O único desde a crise sensacional diante do inimigo e, repetidamente, numa viragem da guerra, conduz nos dias verificadas: — em primeiro lugar, Churchill ouviu as críticas e procede independentemente como entendeu, salvando assim da fustigação dos partidos a solução suprema da unidade de direcção; em segundo lugar a sua personalidade mantém-se, conservando a autoridade suprema, depois do Rei, durante o tempo de guerra.

O transcurso da crise por algumas faces características, do que o governo inglês atravessou, na Grande Guerra, quando a *Asquith* sucedeu *Lloyd George*, mas a resolução foi mais completa porque a máquina administrativa burocrática se, em certos postos, como a de Lord Beaverbrook por exemplo, os seus detentores, por excesso de qualidades ou génio, Uniram atriços. A ausência de Beaverbrook é no entanto lamentável por muitos motivos.

Como aqui notámos, a crise reflectiu um aspecto grave. Num momento, contra o interesse nacional evidente, recrudescer a erupção das paixões partidárias que pôs ecgamente em causa a permanência no poder do vigeamento principal da política de guerra: Winston Churchill, o único grande estadista que a Inglaterra comprovadamente possui. Por outro lado, talvez atrás de Bevin, o ministro do Trabalho e chefe das *Trade Unions*, há já manifesta uma derivação ascendente do trabalhismo.

A questão dos fornecimentos à Rússia não é apenas, dentro da Inglaterra, um caso de visão no âmbito de factores militares para o combate à Alemanha. Ela foi levantada como escopo da tendência acima apontada. Cripps veio futuramente desde Moscovo. Só o futuro da transformação social que na Inglaterra, como noutros países, se opera, poderá revelar-nos as consequências destes factos para a política do Reino Unido e do Império.

Mas o ponto dominante a fixar é que Churchill empolgou a crise e isto já se fez sentir. Quando Cripps se estreou nos Comuns, a 25, respondendo às interpelações (algumas das quais disparadas

como a de Hoare Belisha) usou da mesma doutrina que Churchill expusera dias antes: «Sabéis como é angustiosa a necessidade de unidade no momento que passas. E acrescentou: «As circunstâncias são graves e o governo está convencido de que o povo britânico tem de encarar esta grave situação com toda a competência que ela indubitavelmente exige. Há dois anos e meio que a maioria do povo deste país tem empregado os esforços mais energicos. Mas ainda resta uma minoria que considera os seus interesses pessoais de modo incompatível com a totalidade de esforço necessário para dominar com êxito as dificuldades presentes. O governo está resolvido a não permitir que essa atitude persista.» Churchill diria exactamente isto mesmo. O poder cura todas as veledades. Ainda uma nota interessante: Em Julho de 1940 apareceu em Londres um livro que fez escândalo, assinado com o pseudónimo falso que denunciava os *Gully Men*, os culpados. Vejamos a lista: Chamberlain. John Simon, Ramsay Mac Donald, Baldwin, Halifax, Kingsley Wood, Brown, Margeson, Wilson, Inskip, Burgin, Sianope, Morrison, Dormann Smith. Se o leitor tiver paciência, verifique que acabam de sair do gabinete inglês alguns dos *Gully Men* sobreviventes.

O TIO SAM A TRABALHAR

Do outro lado do Atlântico, o mesmo timbre de som se ouveira. Os acontecimentos decorem.

No noite de 23, Roosevelt pronunciou o discurso já anunciado como importante. Esta importância não lhe adveio, porém, da categoria do autor. O presidente não fez, com outras vezes, uma exposição quasi doutrinária das razões determinantes da opposição dos Estados Unidos à Alemanha e ao Eixo, nem formulou apelo à unanimidade do espirito e acção dos seus concidadãos.

Encarou resolutamente a realidade e traçou, embora nos limites de ordem geral, que a política de guerra recomendada, as grandes linhas dessa na república norte-americana.

Como estimulo à confiança contra a adversidade, lembrou que, tal como na guerra da Independência, agora tudo começou por dificuldades e derrotas, e que até ao momento em que a produção norte-americana tenha dado superioridade nítida sobre os inimigos — e preço atacado em toda a parte, no vasto plano geográfico em que se interliguem os diversos teatros da guerra. A regra é de facto das melhores, primeiro para manter as vias interoceânicas das abastecimentos e portinho a unidade de um círculo de frente entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Rússia, a China e o Bloco Pan-americano, depois para causar o maior des-

gaste possível às forças do Eixo. Mas atacar com quê? Roosevelt — e preciso lembrá-lo — não falou só para esclarecer o povo dos Estados Unidos — que, perante a agressão nipônica, sentiu a reacção patriótica. Pretendeu defendê-lo contra a Quinta Coluna dos vendidos ao inimigo que ainda tentam instilar o veneno isolacionista no espirito publico, os Wheeler e os diversos padrões que parecem agora infiltrar-se com falsos zélos nacional nas próprias fileiras do presidente, e que ainda muitos males poderiam cusar, se a tempo não fossem recludos a lugares adequados.

Roosevelt com razão observa contra os perniciosos maneios dos agentes inimigos que persistem pregando que as armas, navios e aviões americanos devem ser somente utilizados na América, que bastaria não conservar livres as comunicações com os outros Estados em guerra para que a contra-offensiva chinesa não se desencadessesse oportunamente, para que o Japão caísse sobre o Alaska e surdisse até na Africa e no Médio Oriente, para que o alemão pudesse invadir a Turquia, a Sécia, o Iraque, a Pérsia, o Egipto, toda a Africa do Norte e Ocidental, colocando-se diante da America do Sul, para que a Grã-Bretanha e a Rússia fossem desarmadas.

Uma vez primeira o presidente produziu os altos comandos que, há 40 anos, a despeito do aumento reconhecido dos armamentos nipônicos, não prepararam contra este a offensiva estratégica. Negando as forças em Pearl Harbor haviam assumido proporções de desastre, prometeu que, executado o programa immediato da produção, «brevemente nós e não os nossos inimigos, passamos a offensiva». E do vigor do esforço norte-americano deixou este quadro: «Há quatro linhas principais de comunicações frequentadas pelos nossos navios: a do Atlântico Norte, a do Atlântico Sul, a do Oceano Indico e a do Pacifico Sul. Estas rotas não são frequentadas por estes navios unicamente num sentido: transportam tropas, munições, trazem nas suas viagens de regresso as matérias primas essenciais de que temos precisão para o nosso próprio uso. A manutenção destas linhas vitais de trafego exige enormes recursos e particularmente enorme produção de aviões, carros, canhões e navios para os transportar. A defesa destas linhas de comunicação mundiais depende do domínio das nações unidas, das bases estratégicas escaionadas ao longo delas. O domínio do ar exige a utilização simultânea de bombardeiros pesados de longa duração e de aviões ligeiros essenciais para a protecção daquelas bases, estes últimos transportados pelo Atlântico Sul, ao largo das costas sul-africanas ou para as Indias Holandesas, os navios mercantes, e com perigosas jornadas.»

Eis o valor do discurso presidencial no seu substracto essencial.

(Continua na pag. 17)

ITALIA

na Guerra



APRESENTAMOS NESTA PAGINA alguns aspectos do esforço italiano de guerra nas várias frentes de combate e alguns aspectos pitorescos da vida de campanha. À esquerda: O fornecimento de roupa e comida aos soldados em pleno deserto; uma bateria de artilharia ligeira em acção na frente oriental. À direita: Os soldados do exército em campanha usando o pé, não obstante o fogo do inimigo.— Os abastecimentos das tropas em África, chegando regularmente às primeiras linhas, apesar do perigo que representa a vigilância do inimigo no Mediterrâneo.— Em baixo: Um avião italiano preparando-se para entrar em acção.



O SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS com a comissão de representantes do concelho de Alpiarça que recentemente pediu aquêllo membro do Governo a realização de vários melhoramentos locais.



O SR. ALMIRANTE GAGO COUTINHO falando, na Academia das Ciências, sobre a importante politica da lingua portugueza.



NA ASSEMBLEIA NACIONAL terminaram há dias os trabalhos do actual periodo legislativo. A foto mostra-nos um aspecto da sala durante uma das últimas sessões ali efectuadas: aquella em que o sr. Presidente do Conselho fez a Nação a segunda comunicação sobre os feitos ocorridos em Timor.



a voz de Londres fala, e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	GR Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		GS O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	GR V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	GR X	30,96 m. (9,69 mc/s)
		GS B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	GR T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este periodo do Noticiário e Actualidades ouviu-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.590 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flores. Também na escolha da casa para a execução dos seus trabalhos V. Ex. dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS
BERTRAND IRMÃOS, L. DA
PRIMA PELA QUALIDADE
DOS SEUS TRABALHOS

A solidariedade das républicas sul-americanas



UM ASPECTO DA CONFERENCIA PAN-AMERICANA, realizada no Rio Janeiro, que afirmou a união e solidez do bloco de repúblicas de além-Atlântico. — O Chefe do Estado brasileiro, dr. Getúlio Vargas, à esquerda, cumprimentando o general Tonazzi, ministro da Guerra da Argentina, na presença do almirante Guilherme, ministro da Marinha do Brasil, durante a recepção, feita no acto inaugural da Conferência.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

ANTONIO FERRO



Que, após o seu regresso do Brasil, onde cimentou em bases mais sólidas e com carácter definitivo as relações culturais luso-brasileiras, foi alvo duma justa homenagem efectuada recentemente no Circulo Eça de Queiroz. O director da Secretariado da Propaganda Nacional e da Emisora Nacional, que tem uma vastíssima obra posta ao serviço do interesse da Nação, coroou, com a elevação do accordo cultural luso-brasileiro, assinado por ele e pelo dr. Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda do Rio de Janeiro, o seu esboço no sentido duma maior aproximação entre os portugueses e o povo irmão de outro lado do Atlântico.

ANTONIO LOPES RIBEIRO



Crítico cinematográfico de reconhecida competência, realizador com provas dadas em numerosos filmes e actualmente director da firma produtora que tem o seu nome e pela qual apresentou queixa, recentemente, nos tribunais contra o jornalista Carlos Rebêlo da Silva, director de «Os Ridículos», alegando ser ofensiva uma local publicadora naquêlle semanário humorístico com o título: «O' Evaristo, já viste pior que isto?», alusiva à estreia da pellicula portuguesa «O Pátio das Cantigas», da Produção António Lopes Ribeiro.

DR.ª EMILIA FERNANDES



A nova advogada que se estreou recentemente na Boa-Hora no julgamento de uma mulher acusada de abuso de confiança, A dr.ª Emilia Fernandes começou os seus estudos em 1933, tirando o curso completo das licencias em 18 meses e entrando em seguida para a Faculdade de Direito de Lisboa, de onde após os cinco annos do curso, saiu licenciada com boa classificação. Tem uma grande paixão pela sua vida profissional e, durante a defesa da sua primeira causa, mostrou facilidade de falar e notáveis conhecimentos da lei que invocou para a defesa da sua constituinte, que teve a pena suspensa e foi restituída à liberdade.

DR. AUGUSTO SALAZAR LEITE



Que foi recentemente aprovado, após brilhante concurso, para o lugar de professor do Instituto de Medicina Tropical. O sr. dr. Salazar Leite iniciou a sua preparação na Faculdade de Medicina de Paris, onde trabalhou ao lado do prof. Maurice Lengereon, e na Hospital de St. Louis. Depois de ter tomado contacto com alguns dos estabelecimentos de ensino de Medicina Tropical na Europa, visitou alguns centros de estudo no Norte de Africa, no intuito de aperfeiçoar os seus conhecimentos da especialidade. No seu último estágio, no Instituto Pasteur de Argélia, teve a oportunidade de trabalhar com o dr. A. Catznel, um dos maiores nomes da Micrologia Médica.

LEIA O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO

«Do Diário de José Maria»

O MAIOR ACONTECIMENTO LITERÁRIO DESTA ÉPOCA

Um grande romancista



A obra de Manuel de Campos Pereira não é um facto vulgar na literatura, mas um caso sensacional que, como muito bem disse o grande crítico brasileiro, Tasso da Silva, pode revolucionar o romance não só no Brasil e em Portugal mas no mundo inteiro.

Não se trata de uma obra dispersa, volúvel, ao sabor das ocasiões. Todos os romances de Campos Pereira obedecem a um plano pre-estabelecido, um plano de elevados princípios de moral que tem tido, como não podia deixar de ser, as suas destructoras, que accusam de imoral a sua obra: notável.

Mas a verdade é que a obra de Campos Pereira tem vencido todos os obstáculos, e os seus livros vendem-se aos milhares e têm hoje as maiores tiragens, com as mais elogiosas referências da critica mundial.

No seu último romance «Ingenúas do meu sonho», Campos Pereira atinge a máxima altura de perfeição literária e de dramaticidade objectiva, revolucionando a própria técnica do romance e levando o leitor a debruçar-se sobre um dos problemas mais polipartidos da civilização contemporânea.

Nenhum leitor, e sobretudo leitora, deixará de emocionar-se com a história comvente das três irmãs de «Ingenúas do meu sonho», que entram na vida e no Amor cada uma por seu caminho, e tódas ellas, afinal, pelo caminho da ingenuidade e do sonho.

Campos Pereira occupa hoje um dos mais altos lugares na literatura do mundo. Como D'Annunzio, Campos Pereira é um criador de novos harmonias e de novos processos literários, um caso sensacional que não tem paralelo na nossa literatura contemporânea.

A edição de «Ingenúas do meu sonho» é da Agência Editorial Literária, que nos deu um interessante volume sobre a critica moderna e suggestiva de António Dominguez.

Recomendamos aos nossos leitores a leitura desta tão discutida obra.

NOVOS DISCOS PORTUGUESES

Acabam de chegar 4 discos novos de música portuguesa



Columbia



CANTO
Fados

- DL 103 — Amor filial | Berta
— Mulher portuguesa | Cardoso
DL 104 — Sou pobre | Maria
— Crueldade | Alice

ACORDEÓN
Corridinhos

- DL 105 — Monumental — Hostilio Saigado
— Caçadores de S. Braz — José FERREIRO
DL 106 — Não faças beicinho | José FERREIRO
— Corridinho de Loulé | José FERREIRO, J.

CADA DISCO 25\$00

Expedições para a Provincia: Em 1 ou 2 discos aumenta-se ao seu custo \$800 para porte e embalagem. A partir de 3, estes gastos são de nossa conta.

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97

Magia da mobilização para a guerra no Extremo-oriental

peço lenente coronel LAURELIO PORTINELLA

a) A MAGIA DA PROPAGANDA

MA vão passados mais de dois anos desde que esta Grande Guerra Mundial delia-grou pelos campos e cidades mórtes da Polónia. Hoje, a guerra de continuar ainda a Europa a constituir o sector central e decisivo da Guerra, que sequer se fala da Guerra Europeia.

É isto a consequência da magia da propaganda!

Porque nesta «guerra total», o sector «político» tem um valor considerável de que a «propaganda» é a arma essencial.

Esta instruiu-se subtilmente no espirito e delatou o pensamento alienado em termos do raciocínio. As questões vitais e de primeira importância esbatem-se momentaneamente num plano de fundo longínquo, enquanto que os assuntos secundários e de menor valor nos apressam realçados e postos em grande relevo no primeiro plano. Magia da propaganda!

Um grande jornalista português dizia-me há dias:

— O meu amigo já reprou na admirável arroubação da propaganda paralelamente ao desenvolvimento das operações militares? Como elle consegue fazer incidir a atenção pública sobre o sector que convém focar e desviá-la daquêlle que necessita ser occulto?

Batida a França, anuncia-se a invasão das ilhas britânicas. Esta vez sendo atida... e o tempo vai passando, sendo preciso desviar a opinião dêste interesse.

Intervem então a Itália, em operações absolutamente secundárias, e talves mesmo penúltimas para o desenvolvimento futuro da guerra. São as operações contra a Somália britânica (sua invasão e conquista), contra o Sudão e contra o Kenia.

Quem, neste altura, dissesse que a Itália estava desperdiçando os seus esforços, e que as operações empreendidas eram um mero jogo de palha, seria apodado de sectário ou idiota, de tal maneira a propaganda havia ampliado a sua importância.

Agora, todos reconhecem que a Itália teria agido muito acertadamente se, em lugar de se dispersar, movida por uma política de propaganda e prestígio, tivesse concentrado os esforços das suas forças na Líbia, Abissínia e Eritreia, e no Egipto.

— Vale do Nilo era o teatro principal, se não decisivo, das operações africanas; os outros, eram teatros secundários dispersivos de forças.

Contudo a propaganda, naquêlle momento, alterou os valores dos elementos em acção. Dizia-se então: A Itália está atacando a sua zona de segurança e de influência; a Etiópia está coberta e livre de qualquer ameaça; instalada no Oceano Índico; e Mar Vermelho vai ser vendido à cooperação britânica; o Império britânico está ameaçado de decomposição; a ponta do punhal está assenteada sobre o coração do Império; a Itália e a Alemanha do Sul está ameaçada e descontente, etc. ...

Aquêlle fogo de palha, que tanto deslumbrou, rapidamente esmoreceu.

O seu tempo lámpio logo o ataque à Grécia.

Depois veio a contra-offensiva grega que acabou por extinguir completamente a sua reverberação.

Tornou-se necessário criar novo sector para ser iluminado.

A campanha alemã contra a Grécia e Jugoslávia veio desviar a atenção pública da Itália. Os projectores da propaganda focaram a Alemanha.

Esta aparece, de novo, em primeiro plano e a campanha da Rússia iluminada num clarão deslumbrante.

Dentro da própria Itália, a opinião pública está fascinada pela campanha da Rússia. Não mais se fala nas campanhas próprias.

A perda da Abissínia e os insucessos da Líbia passam despercebidos na opinião grega. Os holotes incidem sobre a Rússia; é preciso ver somente a offensiva neste ponto.

Aproximando-se o inverno, a campanha russa entra em ponto morto, e a situação aqui inverte-se.

Para então lampar a projecção dos holotes? Que será o sector que convém iluminar?

Volter de novo a dirigi-los sobre a Itália?

— A offensiva na Cirenaica, das lórgas aliadas de Auchinlec, exigem, pelo contrário, que dêste sector seja obscuricido.

Surge então o Japão. Agora o teatro de operações do Pacífico está iluminado com a máxima profusão.

O teatro europeu e as operações que nêle se vão desenvolvendo parecem que já não têm qualquer espécie de importância.

Lê-se a imprensa germanica e italiana, a neutra e até mesmo, e sobretudo a britânica, e lêdas as páginas estão cobertas com crónicas, reportagens, críticas e estudos das operações no Pacífico.

— Sobre as operações na Rússia ou em África—meia dúzia de linhas; um pequeno «de-ante em Curaçao ou Aruba, ou na Manchê e são páginas inteiras enreguecidas de tinta! ...

b) FUNDO DA GUERRA DO JAPÃO

Quem agora quiser analisar friamente a questão do Pacífico e a posição do Japão, esbarra com esta preparação psicológica da propaganda, e quando os dados do problema são bem diferentes daquêlles focados geralmente na imprensa.

Para o Japão, o teatro de operações decisivo não está, nem na Molávia, nem na Insulândia, nem na Austrália, nem nas Filipinas.

O Japão só pode decidir da sua guerra na China, na Mongólia e na Sibéria.

Enquanto não dominar nestas partes do continente asiático, batendo o russo e o chinês, o Japão estará ameaçado na parte mais vulnerável do império, que são as três linhas base da sua Pátria—Yesso, Hondu ou Nipão, e Kiu-Siu.

Os esforços realizados actualmente a mais de 4.000 e 5.000 quilómetros de distância—são dispersivos e podem,

no futuro, revelar-se contraproducentes.

Assim como a Itália devia ter concentrado o seu esforço principal sobre o Nilo, em lugar de se dispersar, parece-nos que também o Japão andaria mais acertadamente se concentrasse os seus esforços sobre a China e Sibéria, em lugar de se dispersar pelas imensidades do Pacífico. O Futuro insaurir-nos-á, em breve, a tal respeito.

Decreto que a attitude do Japão em face da Rússia dependerá essencialmente da evolução das operações na frente germano-russa na próxima primavera e verão.

E é esta mais uma razão para considerarmos a batalha da Rússia europeia como o factor primordial do actual conflito e sobre o qual deve incidir principalmente a atenção pública.

Mas não o quer assim a magia da propaganda! ...

c) OS MEIOS TERRESTRES EM LUTA

A guerra, porém, não se ganha só com a propaganda. Os factores principais que decidem a luta são o moral do povo combatente e o seu valor anímico, os recursos humanos, económicos e científicos da Nação.

— A capacidade de mobilização de um povo é, pois, função dêstes valores e por isso depende tanto da população mobilizável como das suas possibilidades industriais.

O Japão tem realizado um êxito contínuo e persistente no sentido de elevar a sua capacidade de mobilização ao máximo.

As suas possibilidades em efectivos são grandes (cerca de 70 milhões de habitantes); as suas possibilidades industriais são reduzidas, se as compararmos ás europeias ou americanas, embora sejam já mais consideráveis da Ásia.

Por esta razão, não pode o Japão dispor do número de divisões que a sua população lhe facultaria.

Este número é relativamente baixo. Chitremos a avaliação feita pelo crítico mais do jornal francês «Gringore», jornal bem conhecido pela propaganda activa que faz a favor das potências do eixo e contra os anglo-saxões. Assim ninguém poderá dizer que aquêlles efectivos sejam sub-avaliados. Diz o crítico:

«Seguramente a sua (do Japão) indústria de armamentos, que data apenas de há 20 anos, é muito menos poderosa do que a da Mayão rival (os Estados Unidos), mas graças ao duplo estímulo da guerra da China e do isolamento que foi forçado às nos últimos anos progressos adquiriu».

Desde 1927 que esta indústria está em permanente estado de mobilização e já só conhece o estado de guerra.

Os efectivos actuais podem avaliar-se a cerca de 80 a 90 divisões, que representam entre 1.600.000 e 1.800.000 homens.

Na China podem estar entre 20 a 40 divisões, na Manchúria entre 20 a 30, tão ou mais fortes e 20 divisões empenhadas nas operações das Filipinas, Insulândia e Malaca.

O crítico de «Gringore» vive em França, em plena colaboração, pois o seu jornal é um dos órgãos que mais vivamente defendem a cooperação militar francesa com o triplicado e o eixo. Deve, pois, receber inspiração oficial, que não tendo decerto a diminuir e lutar militar e as possibilidades dos países o qual alcança sempre.

Pelas suas declarações se verifica que o Japão, «a-par-de estar desde 1937 em mobilização permanente da sua indústria» e sem necessidade de estado de guerra, apenas pode mobilizar 80 a 90 divisões.

É muito pouco em relação ás possibilidades das suas adversárias actuais e prováveis: os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a China e a U. R. S. S.

d) FACTOR CHINES, RUSSO E ITALIANO

As 20 ou 30 divisões da Manchúria pouco representam em face de 1.500.000 homens que a U. R. S. S. tem em permanência na Sibéria; as 30 ou 40 espalhadas pela China serão ómanhã uma gota de água quando Chang-Kai-Shek recolher o melhor do armamento preciso para mobilizar 100 ou mais divisões.

É preciso não esquecer que Chang-Kai-Shek tem vivido até agora exclusivamente do auxílio material russo e dos seus recursos próprios.

A Grã-Bretanha só há um mês decidiu o auxílio efectivo e total à China, o mesmo sucedendo com os Estados Unidos, que até à data apenas tinham observadores e alguns aviadores aliados voluntários no exercito chinês.

A situação do exercito chinês deve, portanto, modificar-se em breve trecho. A China possui um reservatório inesgotável de homens, já habituada a guerra (17 milhões instruídos), tal-tal-vez, porém, o armamento e material.

Deve-se esperar que o exercito chinês volte a ter papel preponderante, sendo decisivo, na guerra do Extremo Oriente.

Actualmente os japoneses têm:

- a) cerca de 6 divisões na península de Malaca;
- b) cerca de 3 divisões nas operações da Sibéria;
- c) cerca de 6 divisões nas Filipinas;
- d) cerca de 3 divisões em Borneo, Cebelles e Molauas;
- e) cerca de 5 divisões na Indochina e Siao.

Restam-lhe, portanto, umas 6, ao máximo, para conquistar a Austrália, Java e Sumatra.

Ora só a Austrália é tão grande como a Europa, e Borneo maior do que a península ibérica.

Em Java há um exercito holandês bem equipado e preparado, 40 milhões de habitantes que preletem os neerlandeses aos nipões, e a Austrália Nova Zelândia podem os seus meios próprios vencer.

Vê-se, pois, que a guerra de Japa, or-

GUERRA DA NOVA VIDA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Guerra da Nova Vida Mundial

1

A CHARNEIRA DE SÉDAN



M cinco dias, de 10 a 15 de Maio de 1941, jogou-se, com o destino da França, a sorte da Europa continental.

O exército francês era, no opinião dos técnicos mais autorizados e experientes e no consenso geral, a única organização capaz de fazer face à máquina de guerra alemã. Como pôde succumbir essa organização num prazo tão curto? Era esse o segredo da Wehrmacht e dos seus chefes, segredo cuidadosamente guardado a que os acontecimentos dramáticos daquelles dias se encarregaram de pôr em relevo.

Falando com André Maurois nas vésperas da desastrosa, o general Giraud, que foi um dos chefes militares da França que confirmou na acção a reputação de competência pessoal e de bravura de que gozava em tempo de paz, annunciava problemáticamente a derrota do seu país e a razão profunda que a devia determinar e que era, simultaneamente, de ordem estratégica e de ordem militar:

— Os exércitos aliados não estarão em condições de atacar antes de 1941. Se os alemães tomarem, entretanto, a iniciativa, temoos de nos bater e a luta será muito dura. Em minha opinião não deviamos ter entrado na Bélgica logo que se desencadearam as hostilidades. Preferiamos ter na fronteira d'elles uma linha defensiva sólida em lugar de irmos ao encontro do inimigo travando com elle uma batalha de resultado mais que duvidoso. Os belgas, é certo, protestaram com energia. Era um risco que deviamos correr e que era mil vezes preferível aquelle que corremos no tal terreno tomado essa iniciativa.

A linha Maginot terminava em Montmédy; desta cidade até Givet havia simples obras defensivas ao longo dos cursos do Chiers e do Mosé. Alguns quilómetros à retaguarda uma segunda linha de defesa estava planeada e em começo de execução. O charnelier Hitler revelou, mais tarde, no discurso que fez o relato da batalha do Ocidente que os tropas alemães tinham por missão atacar aquellas posições defensivas, ocupar a Holanda, penetrar até Antuérpia e a linha do Dyke, tomadando Liège; mas deviam, sobretudo, alcançar o curso do Mosé, fazendo a passagem entre Namur e Carignan, fazendo saltar a charneira do dispositivo francês em Sédan, e atirando pela brecha aberta as divisões Panzer.

A CHEGADA AO MOSA

A manobra assim concebida resultou plenamente. Em 10 de Maio, quando a ofensiva se iniciou, o 9.º exército francês comandado pelo general Corap recebeu ordem para defender o curso do Mosé entre Namur e Mézières. O 2.º exército, comandado pelo general Huntziger, tinha por missão deter o avanço inimigo entre Sédan e Montmédy. As divisões de cavalaria dos dois exércitos deviam ocupar uma linha, de cerca de cem quilómetros, entre a fronteira alemã e o 9.º exército.

Este exército compunha-se de sete divisões de infantaria effectivas e quadros de valor bastante apreciável que foram alocados em reserva e dispostas em linha defensiva na travessia d'elles não era, particularmente difficil, se não que enquadram o seu curso através de vias de comunicação e pontos de tropas. O 2.º exército

tinha duas divisões de infantaria em reserva e quatro em linha, entre Mézières e Longenon. Total: treze divisões de infantaria, das quais quatro estavam à retaguarda.

No dia 11 de Maio a cavalaria do 2.º exército defrontou-se com as primeiras unidades blindadas alemãs. A interioridade do material francês (carros pesados, carros ligeiros e auto-metehóranos) obrigou os defensores a um recuo imedito e deu lugar à occupação da localidade de Baullion, próximo de Sédan. A cavalaria, perseguida pelos aviões e pelos carros, recuou, combatendo até ao Mosé, que atravessou no dia seguinte. Esta retirada rápida descobriu a via directa do 9.º exército. As lóças de cavalaria d'este exército, atacadas por sua vez, atravessaram também o Mosé tentando saltar as pontes. A rapidez do avanço alemão não permitiu, porém, que alguns dos seus elementos alcançassem o rio.

O comando francês tinha previsto que o exército belga e a cavalaria do 2.º e do 9.º exércitos exerceriam uma acção retardadora que permitia uma demora de cinco a sete dias, no fim dos quais todas as lóças aliadas teriam occupado as posições assi-



General Corap

naladas no plano Gamelin. Ao fim do terceiro dia de batalha (12 de Maio) os alemães tinham alcançado o Mosé e occupavam todas as estradas que iam dar a d'este rio.

A TRAVESSIA DO RIO

Na noite de 12 para 13 de Maio, as divisões de infantaria do 9.º exército (Corap), alcançam o Mosé, em marchas forçadas. Os seus effectivos estão incompletos, os homens não conhecem bem o terreno, o sistema de comunicações que h'de assegurar o desenvolvimento da marcha é insufficiente, o material não apparece em quantidades sufficientes. Há pontos de terreno onde não chegaram a carregar-se trincheiras.

E' nessa altura que, de Namur a Sédan, estala a tempestade. Os bombardeiros alemães enchem o céu e atacam, incessantemente, as colunas em marcha, as posições de artilheria, as linhas de trincheiras já organizadas. Protegidos por uma poderosa aviação de caça, esses bombardeiros vóm baixo e desorganizando as plumas e os nervos dos combatentes franceses.

Inesperadamente, soldados de engenharia, cheios de vigor e decisão, lançam á água jangadas e pequenos barcos pneumáticos. Protegidos pela aviação atravessam osuadamente o rio e, favorecidos

pelas sinuosidades do seu curso, procuram estabelecer pontes de ponte na margem esquerda.

A aviação francesa mal fez a sua aparição para se bater, numa desproporção de lóças que breve a reduz á impotência. As ordens contraditórias cruzam-se. O serviço de transmissão é precário. Desesas ordens, uma parte do comando, outras partem do inimigo. Quando á acção impiedosa dos aviões alemães se junta a aparição dos carros pesados, a confusão propaga-se com uma rapidez inesperada, da primeira linha até das divisões instaladas à retaguarda.

As unidades francesas que já estavam instaladas nos pontos que previamente lhes haviam sido designadas, otreciam uma resistência dispersa; as

A «HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL», escrita expressamente e em exclusivo para «VIDA MUNDIAL ILLUSTRADA» pelo distinto escritor e jornalista Carlos Ferrão, começou a publicar-se no n.º 25 da nossa revista, de 6 de Novembro de 1941.

Foram até agora publicados os seguintes capítulos:

- CAPITULO I
- ASSIM ESTALOU A GUERRA
- 1— Os antecedentes do conflito
- 2— Morder por Dantzig?
- 3— A paz que se extingue.

- CAPITULO II
- A CAMPANHA DA POLONIA
- 1— Quando soaram os primeiros tiros
- 2— A guerra relampago
- 3— A partilha da Polónia.

- CAPITULO III
- ADVERSARIOS QUE SE ESPREITAM
- 1— A ofensiva da paz
- 2— A falta de um plano de acção
- 3— Olenativa ou defensiva.

- CAPITULO IV
- INTERMEDIO NÓRDICO
- 1— Uma cortina de fumo
- 2— Três meses de hostilidades
- 3— A perturbação dos países occidentais.

- CAPITULO V
- A GUERRA RELAMPAGO
- 1— A invasão da Noruega
- 2— Churchill no poder
- 3— Como succumbiram a Holanda e a Bélgica.

Em cada número de «VIDA MUNDIAL ILLUSTRADA» têm sido e serão dedicados a este trabalho de análise histórica da mais flagrante actualidade, algumas das suas páginas, com numerosas gravuras. Cada três artigos completos formam um capítulo da «HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL». Coleccioná-los é obter, sem mais quaisquer despesas, uma notável obra, escrita por um dos mais apreciados comentadores portugueses da politica internacional e illustrada com muitas gravuras que documentam todas as figuras e factos da actual guerra.

outras, surpreendidas, recuavam. Ao cair da tarde de 13 de Maio, os alemães tinham conseguido estabelecer três linhas de ponte na margem esquerda do Mosá, uma em Deviant, outra em Montiermé, uma terceira em Sédan. As pontes foram rapidamente lançadas. Durante a noite, com uma proclamação e uma preciosa notificação, começaram a atravessá-las as primeiras divisões cuirassadas alemãs, seguidas pelos carros que transportavam as tropas de infantaria.

A DEBANDADA DO 9.º EXERCÍTO

A ação do 9.º exército (Corap), e do 2.º exército (Huntziger), vai revelar-se diferente. O general Huntziger, apesar de ter algumas das suas divisões, especialmente as situadas na ala esquerda do sector que ocupava, duramente experimentadas, e apesar de não ter podido impedir a passagem do inimigo em Sédan, conseguiu fixar-se na segunda linha defensiva ainda mal estabelecida, pela decisão do seu chefe e pela bravura dos seus soldados, impedindo, durante um mês, que a penetração alemã se acentuasse e que a linha Maginot fosse tomada para recuar.

O exército Corap viu, pelo contrário, agravar-se rapidamente a sua situação. A sua ala direita ficou descoberta pelo recuo da ala esquerda do exército Huntziger, e o seu centro foi literalmente pôsto em debandada pelo impeto da атака. Agarrado, momentaneamente à margem esquerda do Mosá havia apenas núcleos isolados de tropas que se batiam e cujo destino estava, de antemão, traçado. O resto, se ligação com o comando e sem instruções, retirava-se desordenadamente, perseguido de perto pelo inimigo.

Os carros pesados alemães continuavam, entretanto, a passar as pontes estabelecidas sobre o Mosá. Três divisões Françaises, cada uma delas com um carro, começaram a ser deparar, no seu caminho, com qualquer obstáculo. As baterias de artilharia, os canhões anti-carro, tudo era varrido à sua passagem. Os soldados franceses, misturados com a onda dos reluzidos belgas, recuavam desesperadamente, perseguidos pelo fogo das metralhadoras da aviação alemã, que não cessava de os incomodar.

As peças de 25, em que o comando francês dependia tanto a confiança, não conseguem deter o avanço das tropas pesadas alemãs. Os carros continuam a caminhar, triturando as retaguardas, desorganizando os serviços de transporte e de abastecimento, impedindo a chegada de reforços. Os oficiais superiores, deslocados nos pontos de comando, ou recuam ou são presos nas posições de defensiva. As divisões de reserva do general Corap são atacadas e dizimadas, por seu turno. Antes que tenha podido alcançar a segunda linha de resistência, o 9.º exército francês está aniquilado.

A GUERRA DE MOVIMENTO

Entre Langwy e Namur, no sector que se estendia entre a linha Maginot e o grupo de sectores do norte, que penetrava em território belga, o centro do dispositivo francês «saltara» espectacularmente. Abriu-se uma brecha, de cerca de sessenta quilómetros, pela qual, protegidas pela aviação, as divisões Françañas fizeram a sua entrada victoriosa na França.

O comunicado francês do dia 14 anunciava o acontecimento em meia dúzia de linhas: «No Mosá, os sul de Namur, os alemães tentaram atravessar o rio em vários pontos. Lançámos diversas contra-ataques. A luta continua, especialmente em Sédan, onde se vence o principal estorço do inimigo.» No dia 15, foram publicados três comunicados. O primeiro dizia: «No Mosá, de Namur até à confluência do Chiers, evidenciámos as esloaços do inimigo. A batalha continua. O da noite revelava: «No Mosá, entre Mezières e Namur, o inimigo conseguiu atravessar o rio em alguns pontos. Em Sédan os alemães fizeram algumas progressos, perseguindo os nossos contra-ataques.»

Finalmente o comunicado do dia 16 dava conta da gravidade da situação e da feição que a guerra tomava: «A batalha tomou o carácter de Namur e Sédan, o carácter duma guerra de movimento e de aviação. O interesse da condução das operações exige que, actualmente, não sejam fornecidos quaisquer novos reforços sobre as posições actualmente em causa.»

Não era preciso acrescentar quaisquer palavras a esta revelação essencial. A França imaginava uma guerra defensiva de posição, letada com a presença da linha Maginot. Com a ruptura dum primeiro momento, os acontecimentos evoluíram a sua concepção. Era indispensável que a capacidade de improvisação das suas chefes se revelasse como nas horas mais delicadas da conflagração de 1914. Foi a este momento que os soldados, nos seus túmulos, não estavam presentes para, mais uma vez, salvar a França.

Os alemães não repetiram o erro fatal de 1914. Deixando França, penetravam profundamente em território francês com uma rapidez de meteoros estocinavam-se para o mar.

PAPEIS QUEIMADOS

Na Câmara, perante uma multidão inquieta e



O general Giraud, comandante do 8.º exército francês, feito prisioneiro pelos alemães

desencantada, Paul Reynaud resumia a gravidade da situação: «A Alemanha decidiu-se e atirou tudo numa cartada. Lançou-se sobre três povos livres. Procura agora atingir o coração da França. A Bélgica encontrou-se a si própria. A Holanda perdeu o seu solo mas não perdeu as virtudes que fizeram a sua grandeza e a sua história.»

«Contra a charneira da frente francesa, os alemães lançaram as suas forças de destruição. Estamos em presença de todos esses carros e de todos esses civis metódicamente acumulados durante tantos anos com a ideia fixa de abater a França, primeira condição para se estabelecer o domínio alemão na Europa e depois no mundo.»

«Hilari quem ganhar a guerra em dois meses. Se o não conseguirmos, está condenado. Porque sabe isto, resolveu atirar tudo contra nós. Temos a consciência perfeitamente do perigo que enfrentamos. Os próximos dias, as próximas semanas, os próximos meses vão soar para todos um futuro de muitos séculos.»

«No dia em que tudo parece perdido, o mundo verá de que é capaz a França. Não nos contentemos nem com vagas esperanças, nem com palavras vazias. Os nossos soldados batem-se. Corre sangue francês. Somos chamados a tomar decisões que ainda ontem nos pareciam e revoltosas. Temos que mudar os métodos e os homens. Qualquer falta, qualquer hesitação que agora se verifique só podem ter um castigo: a morte.»

«Fojermos uma alma nova. As nossas vidas não contam. Só uma coisa conta: a salvação da França.»

Nessa mesma noite, o general Gamelin escrevia: «Uma carta anunciando que não se responsabilizava pela segurança da capital. O governador militar de Paris, general Hering, acrescentava que não dispunha de meios para defender a cidade no caso de ela ser investida pelos alemães. Num dia depois do ministério dos estrangeiros, uma lequeira enorme começou a devarar os documentos que resumiam a história da política externa francesa durante o período curto que medeira entre a vitória e a derrota.»

A BOLSA ALEMÃ

No dia 16, Paul Reynaud fazia um novo discurso digníssimo e, pela rádio, à nação francesa. A firmeza de ânimo e o desprezo pelos boatos e pelos boateiros eram o primeiro anúncio que o chefe do governo francês recomendava aos seus compatriotas alarmados. Depois de fazer um resumo das virtudes francesas, do seu passado e da sua glória, depois de referir as ameaças que através de séculos pesaram sucessivamente sobre o destino da França, Reynaud fazia um apelo à energia e à decisão dos soldados e dos civis, dos homens que se batiam na frente e daqueles que viviam na retaguarda, para que compusessem a sua dever.

Dizia-se que o governo se propunha abandonar França. Era falso. Dizia-se que os alemães se serviam de armas irresistíveis e desconhecidas. Era igualmente falso. Dizia-se que eles tinham chegado a Belmas e se encontravam em Meaux. Tudo era falso. Propagar semelhantes notícias era apenas fazer instrumentalmente o jogo do inimigo. Este contava com a credulidade dos franceses para minar e destruir a sua resistência e a sua unidade.

Que se passava efectivamente? Reynaud não hesitava em o revelar publicamente: «Que fizeram

afinal os alemães? Conseguiram atravessar o Mosá e abrir uma linha longa que as nossas tropas agora procuram reduzir. Fizemos isso, por mais dura vez, em 1918. A nação francesa ficava assim informada de que, desde que os seus soldados não conseguissem reduzir a famosa balsa aberta com a travessia do Mosá, a derrota estava iminente.»

Tudo o que depois se seguiu, a capitação da Bélgica, a perda de Paris, a invasão do território francês, a prisão de dois milhões de soldados foi a consequência fatal e inevitável daquela operação conduzida, pelos alemães, com uma perícia e uma cuidado que desconcertaram os chefes militares franceses e não permitiram que eles reagrupassem mais as suas forças, substituissem os seus planos, improvisassem, no decurso da batalha, uma solução salvadora e providencial. Primeiro, a construção; depois, a balsa. Estas palavras reveladoras encheram a terra da França durante aquela semana trágica mostraram ao mundo o verdadeiro poder da máquina da guerra alemã.

A RAPIDEZ SEGREDA DA MANOIRA

Sob o ponto de vista militar, a operação resultou plenamente. Os alemães acumularam, no local onde desejavam furar a frente do adversário, sessenta divisões, dispostas em profundidade. Durante as vinte e quatro horas que precederam o assalto, mil bombardeiros operando em «vão pleia» destruíram as fortificações construídas apressadamente pelas francesas. Foi então que lançaram as formações de assalto para quebrar a linha de resistência. Na altura, o comando francês convenceu-se de que tinham sido os engobios blindados a realizar a perfuração. De facto o trabalho foi totalmente executado pelas divisões de assalto e pelo caminho que estas abriram é que as forças blindadas se lançaram imediatamente.

Desde que essas forças conseguiram passar, dada a sua superioridade numérica e a excelência do seu material, tudo devia consistir-se terminado. O resto era a consequência fatal da perfuração do sistema defensivo francês no seu ponto mais vulnerável.

A tática a empregar depois era simples. As colunas avançadas compunham-se de motorciatas, carros ligeiros, carros pesados e óvies, tudo sob um comando tático centralizado. À sua missão consistia em limpar as estradas, sem parar para fazer a ocupação do terreno. Os carros pesados pulverizavam as posições de artilharia e os ninhos de metralhadoras. Quando deparavam com os canhões anti-tanques, estes eram contornados por outros carros que os atacavam à estaguarda e os aniquilavam. Se as dificuldades aumentavam, os comandantes de carro pediam, pela rádio, o auxílio da aviação de bombardeamento que comparcia prontamente. Os carros pesados alemães eram acompanhados, de perto, pela artilharia anti-tanque que evitava a aproximação dos carros franceses.

À estas colunas avançadas que realizavam um trabalho de limpeza seguia-se os fusos individuais da infantaria: primeiro, a infantaria montada em carros ligeiros, depois a infantaria propriamente dita, avançando em marchas forçadas. As colunas avançadas caminhavam a uma média de quarenta quilómetros por dia. A polvora de colón que as galvanizava era esta: rapidez. Foi com ela que conseguiram remover todos os obstáculos e alcançar todos os seus objectivos.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial)

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	(Kcs)	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(Kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(Kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(Kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(Kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(Kcs 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(Kcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(Kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(Kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(Kcs 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1	(Kcs 1357)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(Kcs 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(Kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(Kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(Kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(Kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(Kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(Kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(Kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (Kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA A SESSÃO DE HOMENAGEM A ANTONIO FERRO efectuada recentemente no Circo Eça de Queiroz e durante a qual o homenageado: repetiu a sua conferência: «Estados Unidos da Saúde».



UM ASPECTO DO V SALÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIAS ao alado de feiras do Clube Penionas Portuguesas.

A MAGIA DA PROPAGANDA e a guerra no Extremo-Oriente

(Continuação da pág. 9)

dizam fazer o seu esforço defensivo, não apparece como tarefa realizável pelos nipões. Aqui, é de prever que venha a esgotar-se lentamente, numa humilhação permanente, o fôlego expansionista japonês. O Espaço há-de aqui desempenhar papel idêntico ao da China.

Nestas regiões revelar-se-á, pela primeira vez, uma verdadeira resistência aliada.

O exemplo das Filipinas, onde cerca de 100.000 nipões estão fixados, e postos em «esque», por uns 25.000 filipinos e norte-americanos, há perto de três meses, é concludente.

Grupos das posições occupadas por Mac-Arthur, nas pequenas penínsulas de Batang e ilha do Corregidor, os japoneses não se podem utilizar da baía e porto de Mambila como base de operações. Politicamente, entre as 400 ou 500 ilhas que compõem o arquipélago das Filipinas, só Davao, na ilha de Mindanao, constitue base de algum valor que o Japão pode utilizar.

O outro ponto onde a resistência terrestre aliada se vai afirmar é na Birmânia e na cobertura da Índia. Neste sector têm os nipões já três divisões, sendo de prever que para ali venham as cinco da península de Indochina, e mais cinco da Indochina e do Siao.

O objectivo estratégico nipónico será cortar os reabastecimentos à China; o seu objectivo tático immediato será o porto de Rangun e o caminho de ferro que d'elle póde vir a Serria, passando por Mandalay, ligar-se à estrada de Chung-King.

Até agora esta a via utilizada. Pode, porém, dispensar-se o porto de

Rangun e a via terrestre da Baixa Birmânia. Ficam abertas as vias do Assam, com bases em Calcuta, Dacca e Tschitagon e da Alta Birmânia; e as vias da Alcanhia e do Turquestão.

A progressão nipónica na Baixa Birmânia pode tornar-se extremamente vulnerável, dada a ameaça, que pesará sempre sobre o seu flanco direito, dum ataque chinês de Norte para Sul, do Siao sobre o estreito de Kra, o Golfo do Siao e a Indochina.

Como se vê, o exercito chinês terá um papel preponderante no futuro, não só neste sector mas no seccor oriental, onde podem vir a ser estabelecidas bases de ataque ao coração do Nipão.

e) FACTOR NAVAL

Finalmente é preciso não esquecer que a grande dispersão de forças em que o Japão está empenhado, implica igual dispersão de meios navais, mercantes e militares.

Que, por tal motivo, a concentração das frocas armadas nipónicas, em grandes forças, será gravemente prejudicada, enquanto os aliados guardam a liberdade completa de reunião de meios no local e momento escolhido.

Nestas condições poderão sempre, os aliados, encontrar o nipão no espaço e no tempo desejado em grande superioridade.

Nostro artigo procuraremos analisar o problema naval das duas coligações, tanto sob o seu aspecto técnico como estratégico.

Começamos, porém, desde já apontar três pontos capitais:

1.º a grande superioridade dos aliados dos anglo-saxões sobre os aliados dos amarelos;



AS CRIANÇAS CLASSIFICADAS NO PORTO, durante uma festa effectuada no São João Cine, como os Príncipes do Carnaval de 1942.



2.º a liberdade total da manobra dos primeiros, que lhes permite reunir em seus meios navais quando e onde quiserem;

3.º a impossibilidade em que se encontram os amarelos, e seus aliados, de reunir as suas frocas de superioridade, que se encontram ancoradas em compartimentos estanhos — o Mediterrâneo e o Mar do Norte e Báltico.

Ao leitor, que deseja ver as coisas com imparcial análise, dezo-se dizer o seguinte:

1.º a campanha do Pacífico está apenas no seu início;

2.º até agora, do lado aliado, apenas foram empenhadas uma pequena dezena de milhares de homens, que tem por missão ganhar tempo;

3.º do lado nipão foi lançado o péso máximo da sua força aérea, terrestre e naval;

4.º os aliados ainda não iniciaram a sua luta naval, esta virá no momento próprio e com superioridade certa sobre o adversário.

O momento desta intervenção estará condicionado pela utilidade da esquadra japonesa no Indico.

Esta attitude determinará também a escolha do local de intervenção.

ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Maxwellton

Especial para a Vida Mundial Ilustrada

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO XI

ALGUNS PASSOS EM FRENTE

A

QUELE episódio do inglês deixara Charles Read bastante preocupado. Na verdade, descontando talvez um certo exógeno do seu ajudante, ali devia estar a ponta do meado que havia de conduzi-lo ao esclarecimento de todo o mistério. Harman virou a esfera na posse do tal «mister» George Marly, que certamente a obtivera, como ele próprio confessara também ter obtido a fórmula, por intermédio de Judy Gordon.

O raciocínio principiava, pois a ter alguma coisa em que se apoiar. Judy Gordon, com o seu pouco escrúpulo, não era apenas uma leveza que mudava de amante com mais facilidade do que mudava de camisa, era simultaneamente uma ladra, uma ambiciosa, que, por dinheiro, seria capaz de tudo. A sua principal vítima fora o indú. Com o gênio inventivo de Crisnam Roicor, ganhara ela um bom par de dólares servindo de intermediária no negócio da fórmula. Mas esse lucro não a satisfizera. Sabia que a esfera de aço representava qualquer coisa de muito valioso para o indú, e não teve hesitações: furtou-lhe a esfera e foi negociá-la com John King. Este, como grande industrial de metalurgia, sabia que aquele objecto de insignificante aparência valia muito mais do que os seiscentos mil dólares que dera por ela.

Surgiu, porém, o inglês, e Judy compreendeu que a mesma esfera lhe seria de grande utilidade. Deve tê-la negociado novamente e, pouco escrúpulo como era, furtou-a a King e vendeu-a a Marly. Jack Harman não devia, pois, andar muito longe da verdade ao fazer as suas afirmações. Judy fora a alma demônica de todos aqueles negócios, jogava com a ambição dos dois grandes industriais para os explorar. Depois de ter roubado John King, Judy não devia sentir-se muito segura e, temendo repressões, desapareceu. Devia ter fugido para a Europa, onde estaria gastando o rendimento dos seus furtos audaciosos e vivendo outras aventuras.

Sim, Jack Harman não devia estar longe da verdade. Havia pormenores ainda pouco claros, que as investigações iluminariam mais tarde. O essencial, porém, estava aqui: não estava mesmo uma grande verossimilhança.

Charles Read já sorria com um certo optimismo e tinha o presentimento de que, durante esse dia, que amanhecera com a notícia da existência do tal inglês, para ele uma das chaves do enigma, ia ser assinalado por grandes progressos na marcha das investigações.

Até aquele momento andava positivamente com um tanto a toter na escarandosa. Tudo era pistas ilusórias e enganadoras. Tudo era pessoas suspeitas. Suspeitos de John King, por não saber porque motivo é ali, tanto tempo, ao esfera de aço. Agora percebia claramente a sua atitude. O grande industrial tinha realmente um segredo—

um segredo profissional. A esfera representava, para ele, uma liga de aço dez vezes mais resistente do que o usual, liga que ele por certo, desejava obter ou imitar, e que, uma vez conseguida, abria a sua indústria todos os mercados do mundo, sem perigo de concorrência. O que eram silicatos mil dólares, que a esfera lhe custara comparados com os milhões que poderia ganhar a partir do momento em que pudesse imitar a sua liga metálica?

Dal a seu afan em procurar rehá-la, a sua generosidade para com os investigadores, o seu cuidado em guardá-la num cofre blindado e defendido por uma corrente de alta tensão. A atitude de John King surgia agora perfeitamente compreensível aos olhos do «detective».

Só um ponto se lhe apresentava muito obscuro, e esse era talvez o que mais lhe interessava esclarecer, porque lhe tocava muito de perto o coração: o rapto de Dorothy Gordon, a sua antiga companheira de trabalho tão comediada, tão terna e tão sua amiga. Tera, realmente, o seu desaparecimento, como suspeitara a princípio qualquer ligação com o mistério da esfera de aço, ou seria um caso absolutamente independente?

Compreenda agora, por forma bem clara, que John King não tivesse tanto interesse pelo desaparecimento de Dorothy como, anos antes, pelo da irmã. Judy representava para ele uma fortuna, Dorothy seria-lhe-ia quasi indiferente.

Charles Read concluiu que era preciso agir com urgência junto das três

ou, numa altura em que teria que aproveitar todos os minutos.

Todos estes cogitamentos se iam desenvolvendo no cérebro de Charles Read, que passava de um para outro lado do seu gabinete, ante o seu ajudante que o observava atentamente.

Como a «detective» parecesse já ter esquecido a presença de Harman, este houve por bem desferir-lho, inquirindo: —Que resolves fazer depois do que te contarei do inglês?

Read deteve-se perante o ajudante, cruzando os braços sobre o peito.

—Vou incumbir-te de duas missões importantes—disse, por fim, o políptico.

—Vais tratar de descobrir o paradeiro do indú. É urgente que esse homem apareça. Está recordado que ele é o primitivo detentor da bola de aço. Portanto, o único e verdadeiro roubado.

Devia ter sido ele o fabricante da esfera, que é resultado das suas experiências de uma nova liga de aço. Claro que ele tem, como King ou Marly, interesse em não confessar os verdadeiros motivos porque pretende reaver esse objecto. O interesse em possuir a esfera é o mesmo para os três personagens desta tremenda intriga, a liga de que ela é feita. É preciso que esse homem apareça, que fale, que diga mais do que já disse. Pedir-lhe informes à polícia, ao consulado britânico, ao demónio, contando que me descubras o paradeiro do indú.

Charles Read deteve-se de alguns passos no aposento e, voltando a enfrentar o ajudante, disse:

—A segunda incumbência melindrosa é tomares a evitar-te com o inglês. Ele ignora certamente que nós conhecemos a existência da esfera de aço. Conviém que continue a ignorar totalmente as nossas investigações. Dize-lhe que tomámos grande interesse pelo seu caso e que já estamos em campo para descobrir o paradeiro do indú ou de Judy Gordon. E, aliás, não lhe mentimes, se bem que os nossos objectivos sejam muito mais amplos do que ele imagina. O que é preciso, porém, é obrigá-lo a falar na hora que quiseres, sob qualquer pretexto hábil para lhe tocarem no assunto. Confio na tua imaginação e na tua subtilidade.

Jack Harman já estava de pé, quando Charles preferiu as últimas palavras. O problema começava e empolava-se. E agora que tinha a pista do inglês na mão, estava disposto a tirar dela o máximo proveito possível porque no fundo da sua alma ambicionava ultrapassar o seu mestre em argúcia e perspicácia. Se o caso visse a esclarecer-se por seu intermédio a sua glória poderia ofuscar a de Read. A imprensa não poderia deixar de lhe prestar justiça, salientando que sem a sua opção, a esfera de aço seria ainda um mistério impenetrável!

—E tu que tencionas fazer?—inquiriu ele do políptico, no momento em que, já de chapéu na cabeça, se preparava para sair.

—Esperado Read, hesitante.

—Vou saber que coisas urgentes terá John King para me comunicar.

Jack Harman saiu com a velocidade de uma bola. Lá, contente, e considerando o intimamente que o seu amigo, emborçado ainda na atitude nebulosa do



—Sabia até que fora ela a pessoa que lhe vendera a esfera de aço.

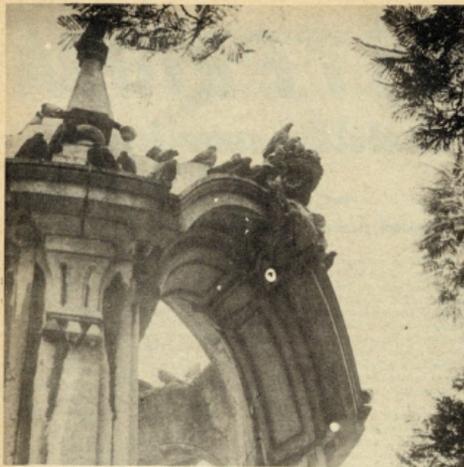
Outra pessoa lhe parecera tão desleal na insistência em que é desleal das investigações como John King, na insistência em que as activasse: Maud King. Agora, também a sua atitude se esclarece, pelo luz que incidira sobre os intuitos do milionário. A atitude de um explicava a atitude da outra.

A linda jovem, na verdade, só poderia ter uma intenção: livrar o pai da obsessão do esfera de aço, que entrara naquêle lar pela mão de uma mulher, díscola e que não causara senão desgostos à senhora King. A situação de Maud estava perfeitamente arrumada no conceito do «detective».

principais personagens daquela intriga, inquirindo-a com subtilidade, separadamente, ocultando a todas as conclusões que iam tirando de cada um. Das declarações dele todos reunidas havia de surgir a verdade nua e crua. Essas personagens eram John King, Georges Marly e Crisnam Roicor.

Mas como encontrar este último? Charles Read sentia-se tomado de autêntico ódio contra si mesmo, quando se lembrava de que tivera na mãos um elemento tão valioso e o deixara fugir estupidamente. Restava-lhe a esperança, quasi a certeza, de que ele voltaria a procurá-lo. Mas esperar era perder tem-

(Continuação na pág. 18)



Empoleiradas no chafariz, as pombos do Carmo aguardam a chegada do seu amigo...



... e vão esperá-lo, radiantes, à entrada do largo, logo que o avistam...



Os mais «intimos» sobem para as suas mãos, reconhecidos pelo almoço que vão papar...

tipos curiosos de Lisboa o amigo dos pombos

por Jorge Ramos

ESPAÇADAS e corvas, beldadaram horas em S. Roque. Já uma claridade festiva anda a namorar, com o seu galanteio matinal, a cidade que dorme ainda, embaçada pela tremulina amarelada do Tejo. Sete horas. Frio e ácido, está manhã insistente para que meia Lisboa não abandone o ninho morno da sua soneolência. Muitos já abalaram ao primeiro lançojar do dia para a lãna do ganha-pão: os que trabalham nas docas, os que vão, manhã começante, à beira-rio, ao mercado das lotas, ou operários, que logo ao esgarçar de azeit, demoram o caminho das oficinas. Está tanto frio—santo Deus!—que só os que são impelidos para a obrigação do dia-a-dia, se apressam a largar, tomando o rumo do seu implacável destino. É certo que outros, mais felizes, podem ainda saborear a volúpia do despertar do dia na quenteira lãta e filatada do leito,—o que não acontece com este homem, que a si próprio impõe o dever de ir dar o comer aos pombos da cidade... Não o intimida a chuva enregelante, nem o vento que fustiga, nem o frio que espiçoa. Diz-se-lhe que é uma abrigação a que não podia laltar sem incorrer num peccado de egoísmo, instalando na sua alma o remorso. O seu amor pelos animais está acima de tudo. É a lealdade enternecedora das únicas capturas que tem. Pode mesmo dizer-se que é o grande significado da sua existência, de tal forma lhe preenche a vida esta paixão pelos seres inferiores—a que grande parte da humanidade olhece flogante indifferença, sendo afrontoso desdenho.

Há, vagamente, determinado lirismo nessa piedosa missão, e talvez a maldade das nossas paixões, os ódios que dividem os homens, as suas lutas estereis sem uma luz de ideal, o choque de desvairadas ambições onde não estremece um vislumbre de Beleza, lhe tivessem indicado o caminho desta missão humaníssima tocada de singularidade franciscana e de humilde dedicação.

É um homem modesto, simples em tudo. Chama-se António Gomes, tem 48 anos e vive ali em cima na Rua da Horta Sêca, num primeiro andar em cuja janela há algretas que se desbrupam da sacazada num tilfo de flores. A sua ronda matinal começa ao primeiro luzir do alvor. Desce ao Camões. Leva com êle um grande cravaço cheio de farinha—e um enorme cartucho cheio de milho.

Aninhados na estátua do Epico, os pombos escutam talvez a cequeira dos pardais chitreando na grande dorvora umbrosa, lá no fundo, e na luma-

novidade da manã aguardam a sua proleitor—que devem ser horas do peacuto alimpy.

Mãe fute surge à esquerda da Praça, dá-se o milagre da intuição e do instinto. Os pombos, numa alegre revoada, abandonam o seu refugio. É um escaitar de asas que tem qualquer coisa duma solidão, como a dizer, na misteriosa linguagem da gratidão, o seu «Bons dias, amigo!».

Gomes sorri com a íntima satisfação duma mestre-escola que vai anchor de guloselmas os bibes dos seus discipulos... E o milho espargi-se àquela safredugido de bicos. A sua volta os pombos adojam num contentamento reconhecido. Com tranquila sedugão alguns vêm comer à sua mãe. Depois cercam-nos numa apoteose, posuam-lhe nos ombros, no chapéu, cingendiam-lhe nos redor. É o grande minuto feliz da sua vida.

Mas o «pai Gomes» não pode demorar-se. Há outros amigos que o esperam. Cuida de ver se está levantada a tampa da «boca» de õpus da Praça para que os pombos possam entrar-se e vai de abalada até ao Carmo.

O cendário é diferente mas o episódio repete-se. É um espectáculo curioso—que nunca perde o seu quê de poético. São mais aqui os pombos. Há que contentar todos, e a todos dar justo quinhão. António Gomes não tem fortuna, não é um eminente, Rico de abrangação, é pobre em seus poucos recursos—grãna apenas o sufficiente para viver modestamente—e para que os pombos não morram à fome. Se assim não fôr, quantos banquetes, por essas praças, teriam os pombos da cidade!

No Carmo, o chafariz tem fatura de água. Depois de confortados os papos tomam os pombos o seu banho—um duche que amigo Gomes lhes proporciona mercê do seu «invento»: longo canudo que se adapta a uma das torneiras e que termina por um disco por onde a água sai em chuveiro. Reglam-se os pombos nesta fonte de hygiene. Arrulham à despedida, seguem-no até que êle desapareça. Sacramento abaixo—para ir à Praça do Municipio, e depois ao Corpo Santo levar de comer a outros pombos.

O tempo passa. O «seu dever» cumpriu-o êle, satisfelto consigo próprio e com a sua linda e quadi desconhecida obra de misericórdia. São horas de ir ao emprego, de entrar na velha farmácia, ali a S. Roque.

Vai bem disposto, optimista, acridente. A sua missão simpática dá-lhe aquela porção de felicidade que só podem sentir os que têm paz na consciência—e o contentamento saudável de praticar, todos os dias, uma boa accção.



2
PRODUTOS
INDISPENSÁVEIS
A BELEZA
DA SUA PELE

Creme e Pasta de Amêndoas
Rainha da Flungia
SÃO PRODUTOS M. DE CAMPOS
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



Numa barafunda medonha, comem os bagos de milho que o bafeiteiro lhes atira



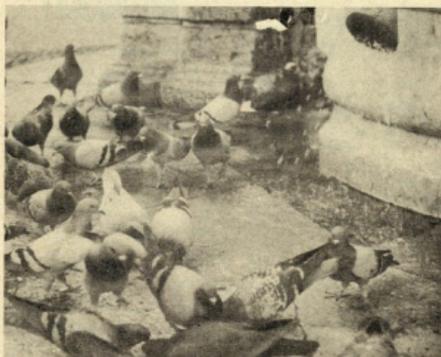
Estes três pombos dão pelos números com que o seu amigo os chama... Este é o 33, aquele o 55, etc...



Acabado o almoço, segue-se o banho que é sempre recebido com grande entusiasmo.



Terminado o banho, os pombos acompanham o seu bafeiteiro até ao fim da praça.



Começam a distinguir-se ali os que gostam mais da água...



...e levantam vôs, regressando ao seu poiso predilecto, logo que o amigo lhes diz: «Vão-se embora»...

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 13)

milionário não fazia sentido desperdiçar tempo. Mas ele saberia aproveitá-lo, com vantagem.

Circa de meia hora depois, era Charles Read recebido por John King, no seu amplo escritório. O milionário mostrava-se impaciente.

— Oh, meu caro Read! — exclamou ele. — Seja bem aparecido. Estava ansioso por lhe falar. Não lhe deram ontem um recado meu?

— Deram — respondeu o «detective». — Mas eu cheguei a casa muito tarde e estafado. Só hoje me foi possível procurá-lo.

— Pois eu precisava de lhe falar com urgência — disse o milionário, oferecendo ao polícia um dos seus charutos monumentais e recostando-se na sua vasta cadeira de braços. — Mas, primeiro que tudo uma pergunta: como vão essas investigações sobre a bola de aço?

— Estão em marcha com resultados satisfatórios — pronunciou o «detective».

— Sim? — exclamou, alvorçado John King. — Já sabe alguma coisa de concreto?

— Tenho o impressão de que sim — disse Read. — Mas permitto-me que adie por mais algum tempo as minhas declarações formais sobre o assunto. Não quero falar, sem obter primeiro plena confirmação das minhas deduções e pesquisas.

John King fitou-o durante um largo momento, como se quisesse prescitar-lhe o pensamento, proferindo depois:

— Respeito o seu sagrado profissional, meu caro Read. No entanto, peço-me que não haveria mal algum em que me fosse informado das conclusões que fosse tirando das suas pesquisas. Era assim que procediam os seus colegas, que o antecediam nas investigações. Trariam-me sempre ao par de todos os seus passos. E sucedia, por vezes, que, trocando impressões comigo, eu evitava que perdessem tempo com promeres inúteis ou que tomassem por verdadeiras certas miragens enganadoras.

— Pois, eu, «mister» King, prefiro trabalhar fora de qualquer sugestão. Talvez a sua excessiva colaboração com os seus investigadores os tivesse prejudicado. Não quero dizer com isto que condene absolutamente essa trilha de impressões. Mas a investigação é que deve regular e escolher a sua oportunidade. Hoje, por exemplo, venho disposto a ouvir-lhe sobre alguns pormenores do assunto que nos interessa. Mas oculte a sua ansiedade, porque são minúscias insignificantes, que pouca importância terão para o nosso caso.

John King alçou-o com estranhamento, como se não reconhecesse naquele homem colmo, muito seguro do que dizia, muito afaiato nas atitudes, o tímido covilva do jantar do ante-véspera.

— Não quero falar dessa maneira — disse ele, por fim, servendo uma grande fumaça do seu enorme charuto.

— O senhor talvez tenha razão no que acaba de me dizer. Creio, que só me inspire confiança e cada vez me felicito com mais entusiasmo por ter tido a lembrança de o escolher para estas investigações. E é tão sincera a minha fé nas suas facultades que não hesito em o chamar para o incumbir de investigações sobre outro assunto que me interessa de uma maneira, como lhe direi, sentimental...

— Já sei do que se trata — atalhou o polícia.

— Como advinhou?

— Não advinhei, deduzi — retrorquiu o «detective». — Trata-se do caso de Dorothy Gordon.

— Não exactamente, do seu colega no escritório de Stone, o acúculu milionário — Leu, provavelmente, a notícia do seu desaparecimento?

— Li e já me incumbiram das investigações. Esteve ontem à noite com «mister» Stone. Ele está desolado com o que aconteceu à pobre rapariga.

— E eu também — disse o milionário.

— Eu sou muito amigo da família Gordon. O desaparecimento de Dorothy impressiona-me vivamente. Querio pedir-lhe que se interesse por ele. É um assunto independente do caso da esfera. No entanto, estou disposto a cobrir todos os seus passos, incluindo os seus honorários. Calcule que a pobre mãe deve estar como louca.

— Contado — comentou o polícia — já é ter pouca sorte. As duas únicas filhas que tinha desapareceram-lhe da mesma forma misteriosa.

— É verdade... — concordou King. — O senhor sabia do desaparecimento da outra irmã?

— Charles Read tardou um momento a resposta. Depois, num tom grave, pronunciou:

— Sabia até que fora ela a pessoa que lhe vendera o esfera de aço.

— Ah! O senhor sabia isso... — murmurou John King, após uma curta pausa acrescentou: — Efectivamente, Judy Gordon foi muito da minha intimidade. Foi por seu interesse que obtive a esfera. Pouco tempo depois de me roubarem, Judy desapareceu também. Emroquei todos os meus esforços para a encontrar mas tudo foi inútil. Conveni-me de que morreu. Nunca lhe deu um silêncio tão completo sobre uma pessoa viva.

— É o caso «mister» King nunca suspeitou de que fosse Judy quem lhe tivesse furtado a esfera? — inquiriu momentaneamente o polícia.

— Nunca tal suspeito me passou pela cabeça.

O «detective» ficou calado um momento e depois pronunciou:

— É não tem o presentimento de que a origem do desaparecimento de Judy é a mesma do de Dorothy?

— Creio que não, isto é, não sei... Mas é possível... Sim é muito possível.

— E «mister» King nunca desconfiou que Judy tivesse mais algum amante?

— O milionário teve um sorriso forçado e disse:

— O senhor começa a querer entrar no foro íntimo de cada um. Mas não deixo de lhe responder, meu caro Read. Nunca penso, evidentemente, que Judy fosse um modelo de virtudes. No entanto, durante o tempo em que a tive sob a minha protecção, penso que ela não teria necessidade de outro homem... O coração das mulheres pariam, enganamos. É possível que ela tivesse qual-quer «flirt». Eu é que não o sabia.

— E ele nunca lhe revelou de que mãos obtivera a bola de aço?

— Ohne, meu caro Read — proferiu, em voz lenta o milionário. — Há casos na nossa vida difíceis de explicar. Este negócio da esfera de aço é um deles. Eu, precisamente pela dificuldade da explicação, queria pôr este pormenor à margem das investigações. Mas o senhor tem uma outra arte de perguntar, que eu não resisto a responder-lhe.

«Judy falou-me, um dia, muito vagamente na esfera de aço. Era um talismã, disse-me, que lhe fora oferecido por um antigo nomeado um índio que se retirara para a sua terra natal. Achei estranho que uma simples esfera pudesse servir de talismã e pedi-lhe que não trouxesse. Efectivamente, poucos dias depois morreu. Mas não sabia esta mesma secretária, a famosa esfera de aço. Não tinha de extraordinário. Perguntou-me se eu a queria comprar. Calculando que ela arranjaria aquele pretexto para me apoderar um bom par de dólares, perguntei-lhe quanto queria pela esfera. «Seiscentos mil dólares!» — disse ela, Ri-me. «Se precisas disse dinheiro — retrorquiu-lhe — acho-me decepcionado. Não sei sem um subterfúgio tão não é». Ela afirmou-me que não, que não era subterfúgio, que o talismã valia muito mais do que o dinheiro perdido e que experimentasse um pouco mais tempo. Eu disse-lhe os seiscentos mil dólares, e ela entregou-



O POETA ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA assinando a auto de posse do seu lugar na Junta Nacional da Educação, Junto do Sr. Dr. Mário de Figueiredo, que presidiu ao acto.



O OREAO DO PESSOAL DA CASA GRANDELA e a sua escola de ginástica i íma, que tomaram parte no acto comemorativo do aniversário do acbido «trabalho entre os paisões e empregados daquela firma.

—me-lia a esfera. Se, ao cabo de oito dias, não notasse na minha vida os efeitos extraordinários de esfera, eu devolver-lha-ia em troca do dinheiro que ela me restituíra.»

John King calou-se um momento, ante a expectativa do polícia, e concluiu depois:

— O caso é que não sei desfazer o negócio. A minha vida nesses oito dias levou uma volta tão profunda; os meus negócios tornaram-se súbitamente tão prósperos que não pude deixar de atribuir à esfera uma estupenda influência benéfica. E tudo me correu sempre favoravelmente até a dia em que dei pela falta do talismã. A partir de então, a roda da sorte começou a desandar. Compreendo agora porque tenho tanto empenho em querer reaver a bola de aço?

As últimas palavras de King foram proferidas quasi num sópo, abafadas por uma grande cómpo.

Charles Read encontrava-se também um pouco perturbado. Até que ponto teria o milionário sido sincero? Custava-lhe a acreditar que o estranho história que acabava de ouvir fosse simples fantasia. Era perfeitamente plausível que em tóro dado rude e fria esfera de aço, sem utilidade aparente, se tivesse criado uma forte superstição, e que o milionário, obcecado pela mania de que a bola lhe dava sorte, estivesse disposto a todos os sacrificios para a reconquistar.

Silenciosamente, o «detectives», puxou do seu carteiro, tirou de um compartimento interior um pequeno embrulho, que desfez lentamente e, mostrando-o ao milionário, inquiriu:

— Ganhe alguém que tenha um cabelo como este?

John King afirmou-se a observar a mancha de cabelo que o polícia lhe

mostrava. Depois, com grande assombro, pronunciou em voz insegura:

— É o cabelo de Judy!... Onde foi a senhor fazer esse achado?

— Mais tarde lhe direi — respondeu Charles Read, guardando novamente aquela espécie de relíquia.

E nos seus olhos acendeu-se uma luz de alegria. Tinha a certeza de que fora Judy que furtara a bola de aço ao Indú e lhe assomara o crânio.

(Continua)

Vida Mundial
de Ilustração

Director

JOSE CÂNDIDO GONDHO

Proprietário e Editor:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Redacção e Administração:

Rua Garrett, 80, 2.º - Tel. 23844 - Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11500; 6 meses (24 números) — 22500; 12 meses (48 números) — 45000. — África: 12 meses (48 números) — 60500.

Estrangeiro a/convenção — 12 meses (48 números) — 65500.

Estrangeiro a/convenção — 12 meses (48 números) — 80500.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (irmãos), L.º, 7, da Condesa do Rio, 27 - Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Intercontinental, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 2 8942 - Lisboa

Visado pela Comissão da Censura

Vida Mundial

Panorama internacional

por Francisco Velloso (Continuação da pág. 4)

O CAMINHO DE MANDALAY



SADAK PACHA

Mas aqui começa a desdobrar-se a grande problema — quanto tempo é necessário para que a produção norte-americana atinja o potencial indispensável a uma acção de ataque no Pacífico e na Europa? Seis meses? É evidente que os meios de defesa e reacção contra o Japão estão a ser acumulados no arquipélago holandês. Depois do encontro no estreito de Macassar, surge agora a confirmá-lo a batalha travada contra a expedição nipônica à Ilha Bali. E há preocupação de não poder admitir-se que desde a irrupção japonesa para o sul, os exércitos, esquadras e aviação do Sul Nascente não hajam sofrido pesadas perdas que ir-se-ão tornando muito maiores à medida que se aprofundem, já longe das bases conquistadas ou obtidas pelos corvores da Sonda, os assaltos do invasor. O silêncio americano é significativo do segredo dos reforços enviados e dos caminhos que tomam. Há-de discurrir-se ainda durante bastante tempo a defesa de Singapura. Mas não é exaustivo verificar-se que os métodos de resistência já se tornam mais fortes.

Chang-Kai-Shek regressou à China deixando, ao que parece, resolvido o levante da Índia, e estabelecida a nova rede de abastecimento que eventualmente suprirá a estrada da Birmânia em defesa de cujos acessos os combates de dia para dia são mais empenhados, sobretudo no círculo de Bangun. Um telegrama de Nova Delhi, a 19, anunciava que no Conselho de Estado, o general Hartley declarou: «Faz os homens corajosos, o perigo é um incentivo para nossos esforços. Posso declarar-vos que os preparativos militares para enfrentar a nova situação estão concluídos. Eu reclamo de todos os países e das fábricas dos Estados Unidos industriais trabalho como nunca antes realizaram.» E um informador militar afirmou que reforços para a Índia estavam já a caminho.

Como responde a Índia? O sucessor de Gandhi, Nehru, depois da visita do grande estadista chinês, desdourava em Calcutá no dia 21: «Se vivermos que enfrentamos um agressor qualquer os nossos tomaremos o exemplo da China.»

Findou dizendo que o Congresso Pan-Indiano defende já a sua atitude e a sua política quanto ao fascismo e à agressão, o que responde aqueles que imaginam que pelo facto do Japão e da Alemanha estarem contra a Grã-Bretanha «merecem a nossa simpatia.»

É até curioso registar que os cabeceras das oposições nacionalistas de países do Império aparecem a falar em Inglaterra. Quasi ao mesmo tempo que o chefe indiano, Nahaas Pacha, Presidente do novo conselho de ministros egípcio, entrevistado em 16 do corrente, pelos jornalistas, fez as seguintes declarações:

«Devem ter notado, certamente, o enorme auxílio que o Egípto está prestando à sua aliada. Fazemo-lo não só em obediência às estipulações do tratado, mas também porque temos tanto interesse como as outras nações aliadas, na vitória das democracias. Desejamos a vitória a fim-de que ela nos garanta a liberdade, e a independên-

cia do homem, bem como a dignificação da personalidade humana. E por sermos democratas que fazemos sacrifícios e continuaremos a fazê-los. Sucederá o que suceder, respeitaremos a nossa assinatura, e com os olhos postos no futuro, esforçar-nos-emos por aumentar os laços de amizade que nos unem. Os Estados árabes estão agora a viver livres e independentes. Esses mesmos Estados partilham dos ideais democráticos, como por exemplo o demonstram as doutrinas dos Iálio que têm por base o governo do povo. Os Estados árabes são inimigos dos regimes totalitários e despóticos.»

Cripção abadiu nos Comuns à grande reforma do governo da Índia pela fusão do Departamento da Índia com o dos Domínios, o que é uma equiparação constitucional, pela chamada de representantes indus ao Conselho do Vice-rei, e pela entrega à indus das finanças e da defesa. A concessão é enorme. A única dificuldade está no que aqui apontamos — as subdivisões sistem. principalmente no facto de que até aqui o Congresso tem insistido por um governo de maioria para toda a Índia, o que excluiria a minoria das responsabilidades administrativas, enquanto a Liga muçulmana se recusava a aceitar o domínio dos indus e insistia numa divisão eficaz da Índia em regiões muçulmanas e indus com governos essencialmente autónomos.

Os acontecimentos militares urgentes, porém, decididos. A entrada dos chineses no Siao, sobre Chiang Mai foi um repontar de bom senso estratégico, mas nos famosos escabos de Mandalay, da bela canção de Kipling, esperam-se reforços, enquanto o comandante de Java com os disponíveis, afirma ir bater-se a valer como os seus colegas de Timor. Nunca foi preciso a Wavell mais titânico esforço do seu génio militar. E a hora de cerrar os dentes e os punhos e carregar. Há honras sem — *quoniam multus!* — Hitler escrevia no *Mein Kampf* e ver se cultivava a Inglaterra: «Como germano, prefiro ver a Índia submetida ao domínio inglês que ao de outras potências.» Este trecho recista há-de ser relido um dia no Japão.

UM ESTRIBILHO

E a oitava fecha sobre interrogações instantâneas que se desenharam como o eric de balões cativos oscilando pelo vento na linha do horizonte.

Berle, adjunto do secretário dos negócios estrangeiros em Washington, discursando em Iowa, dizia, a 21, que o estatuto da ofensiva alemã na primavera. Hitler disse ao mesmo na proclamação os seus partidários para comemorar a fundação do nazismo. E quando os submarinos de Bando afundaram sete navios tanques no Mar das Antilhas, Stimson, secretário da guerra, gritava três vezes pela ofensiva. A esquadra alemã aproxima-se das Américas contra os combates, e a acção de *coluna* acaba de tentar, sem sucesso, derrubar o presidente Herrera no Uruguai, apoderando-se das linhas marítimas garantidas por 12 navios Aliados. O chefe do estado-maior



Sinal

A VENDA O N.º 4, que publica entre outros os seguintes artigos: ... a batalha no Atlântico — Fachada e realidade dos Estados Unidos — Emergência marítima no ponto de cruzamento XY — Pela Europa — Quantos tonéis produz o Eixo? — Sob o céu incandescente — Numa praia do mar Egeu — Richard Strauss — Descoberta na Alemanha.

48 PAGINAS BASTANTE ILUSTRADAS — PAGINAS A CORES EDIÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

Exemplar: ESC. 2000

Distribuição de: AGENCIA INTERNACIONAL

118, Rua de S. Nicolau — Lisboa

demitiu-se, refugiando-se na Argentina, onde as eleições gerais, a 3 de Março, vão assumir enorme significado.

Repercorrendo a linha vital do abastecimento dos aliados, verificamos ainda a paragem instável da campanha na Girenaica. Rommel e Ritchie encaram-se recu-

ando reforços. De Ankara, a 23, anunciava-se grande acumulação de carros e aviões no sul da Grécia, caso a pôr a par do acervo de instrumentos de guerra junto da Sicília e das vozes que proferam o nome de Gibraltar, O Mediterrâneo, desde que um erro fatal não levou os Aliados (ainda a França era Franca) a atacar a Itália e a firmarem-se nos Balcãs, ao princípio da guerra, é mais do que nunca o nó da guerra ofensiva. O que lá se passa, rebate na Alemanha, na Inglaterra e na América. Em Suécia e Gibraltar, atam-se as ligações de uma linha que da Birmânia passa pelo Panamá e vem ali, para seguir pelo Próximo Oriente, até às retaguardas russas e turcas e através das zonas dos petróleo, outra vez às portas da Birmânia.

Por isso, a 23, em Washington se ponderava que a uma frente mundial, os russos estão na melhor, senão na única posição boa para desencadear uma ofensiva que destrua o Japão, e só o poderão fazer os ingleses e os americanos puderem dar um golpe equivalente desde o Mediterrâneo oeste ao sul da Europa.»

Assim é, contudo que a Rússia continue a ser o centro de gravidade da guerra, enquanto as forças americanas trabalham e as esquadras aliadas podem proteger os combóios. Por isso mesmo deve notar-se que no dia seguinte a essa observação, vindo dos Estados Unidos, os exércitos russos ultrapassavam Smolensk...

Dias Ferreira tinha um estribilho: — «Não sei se vêm bem...»

Cabelo FORTE E PUJANTE!

SUSPENDE A QUEEDA DO CABELO! FORTIFICA-HE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETROLEO QUIMICO NALLY



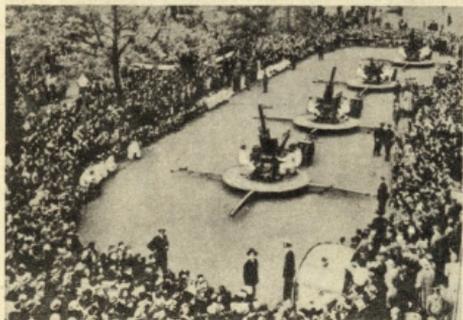
CHANG KAI-CHEK

O chefe da China Livre

Vida
MUNDIAL

NUMA NOITE DE VERAO de há cinco anos, os canhões voltaram a tocar na terra milenária e pacífica da China. Havia pouco tempo, o país reconquistara a sua perdida unidade. O Kuomintang funcionava em Nanquim e a obra do iluminado Sun-Yat-Sen, propagandeada pelo seu discípulo Chang-Kai-Chek, começava, embora com lentidão, a realizar-se e a dar seus frutos. Os chineses educados na Europa e na América, miopes e humildes, ordeiros e silenciosos, aprendiam nas Universidades dos brancos a ciência que havia mais tarde de colar a sua pátria ao lado das potências mais adiantadas do Mundo — lugar que lhe pertencia pela sua história, pela sua civilização e pelo amor dos seus filhos à paz. Tinham-se aquietado os velhos e redondos mandarins manchus e substituído os militares venais. Mas, em 1927, na ponte secular que Marco Polo vira edificar, os canhões recommearam a sua linguagem sinistra. O sangue voltou, de novo, a correr na terra amarela. Chang-Kai-Chek, generalíssimo das exércitos chineses, apregoa por toda a parte a resistência, pede auxílio às nações, reorganiza as suas forças e proclama ao seu povo: «A guerra será longa, mas nós venceremos». Os anos passam e a vontade de resistir não diminui. E quando a guerra da Europa se transforma em guerra mundial, o grande general concerta com os seus novos aliados as medidas tendentes a assegurar a vitória. A fotografia mostra-o na capital da Índia, onde realiza conferências com Gandhi e Nehru com o objectivo de assegurar à China uma via de comunicação para o envio de material de guerra para Xung-King, vinte que parte da célebre estrada da Birmânia se encontra sob o fogo da artilharia nipônica.

Imagens pitorescas do MUNDO



UM HOMEM SALTA UMA MURALHA FEMININA — Esta seria a legenda da foto em cima, à esquerda, que representa uma fase dum bailado rímico executado pelo grupo de «girls» de Colégio Benning, de Vermont (Estados Unidos). A MULHER QUE SALTA NOS TELHADOS — Outra legenda para outro bailado (o da direita, em cima), que nos mostra a bailarina francesa Delmy dançando no terraço dum alto edifício — À AMÉRICA DA ARMAS À AMÉRICA: Uma fotografia pouco vulgar: uma exposição de peças anti-aéreas nas ruas duma cidade. Foram descrevidas no exército americano pela Companhia Worthington Pump and Machinery, de Nova Inglaterra (E. Unidos).



De esquerda para a direita: ALGUMAS COISAS ESPANTOSAS DO MUNDO — Um macaco que faz «tricot». — Uma clínica dentária para hipopótamos — Paulette Goddard, a linda esposa de Charlie, envolvida agora num estranho processo: acusada de falta de elegância e gentileza com uma secretária de seu marido.

NOVA YORK, a cidade dos arranha-céus, toma medidas de precaução contra um eventual ataque aéreo inimigo. A foto mostra-nos uma esquadilha de «fortalezas voadoras» pairando sobre a urbe americana em vôo de observação.

